

Título: Método Paulo Freire

Data: 1980

-INTRODUÇÃO :

O processo foi desenvolvido por Paulo Freire e sua equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, a partir de estudos de caráter sociológicos e com base na teoria das comunicações, segundo se de preende da terminologia utilizada pelo autor e do aproveitamento de certas técnicas típicas dessas disciplinas.

Compreendeu o formulador do novo processo que alfabetização, pretendendo provocar profunda modificação no tipo de relacionamento do alfabetizado com a realidade, só se impõe como força motivadora se for estabelecido forte liame psicológico entre a atividade alfabetizante e as situações de vida do analfabeto. As técnicas de alfabetização infantil parecem ao adulto algo que não merece a atenção de um homem maduro, por conter forte conteúdo lúdico, apropriado a crianças. Com relação ao adulto -mergulhado que está num tipo de cultura sedimentada, embora imprópria para enfrentar novas realidades- é preciso que alfabetização se apresente como um instrumento que, não desmerecendo o seu status, tenha valor de chave para a solução de sua problemática vital. Remover os entraves psicológicos pode ser todo o pivô de uma campanha de alfabetização: de outra forma os analfabetos -já teriam criado pressão social para que lhes fosse fornecido este instrumento de autopromoção. E' preciso não esquecer que o analfabeto obteve, bem ou mal, um sistema de equilíbrio social em baixo nível, de modo que se exige habilidade toda especial para introduzir em sua existência vivencial elemento novo que provoque o desejo de alfabetizar -se como forma de readquirir equilíbrio em nível mais elevado.

A técnica proposta pelo formulador do processo consiste em fazer a alfabetização decorrer de um processo de substituição -de elementos reais por elementos simbólicos: primeiro figurados (cartazes), depois verbalizados oralmente (discussão), para, finalmente, chegar à fase de sinais escritos padronizados (leitura), sequência inversa à utilizada para crianças, em que a leitura figura como elemento instrumental de construção e enriquecimento dos círculos de representação mentais. No adulto, já existindo, abundantemente, estas representações, o problema está em fazê-las figuradas e significadas a fim de permitir maior operacionalidade psicológica, só possível através de símbolos e sinais. A alfabetização -em vez de impor-se como algo estranho ao mundo psicossociológico do analfabeto- ajusta-se neste quadro como decorrência natural da tomada de consciência lúcida dos problemas. A consciência crítica (que substitui a consciência mágica) tende para a mobilidade crescente que tem como instrumento natural a utilização da leitura, porta de entrada em novo mundo cultural simbolizado pela linguagem escrita. O que se propõe ao analfabeto não é simplesmente, a aquisição de uma nova técnica que ele não deseja e cuja utilidade não percebe: propõe-se a solução de seus problemas vitais através do manejo de um instrumento que ele utilize de forma autônoma.

Dá não admitir esse processo o emprego de cartilha (realidade artificialmente preparada e imposta para ser lida). A aprendizagem da leitura parte da identificação de certas realidades encontradas no grupo com sinais que a elas forem associadas (palavras geradoras). Quais seriam, então, estas palavras?

Evidentemente, as que melhor expressarem a realidade -palavras utilizadas pelo grupo de alfabetizandos. Jamais determinados sinais que devam substituir o primitivismo mágico do analfabeto (mas porque não é possível impor comportamentos desligados do contexto individual da pessoa).

A implantação da atividade alfabetizadora, pois, inicia-se por uma pesquisa do Universo Vocabular do grupo, o que equivale a dizer, por uma pesquisa das realidades vivenciais da comunidade que será alfabetizada. Deste universo, atribuindo-se uma valência a cada vocábulo, retira-se a amostragem que constituirá o grupo de palavras-

geradoras, tomando-se esta expressão no duplo sentido de: a) fonte de motivação para as atividades dos círculos de cultura, e de b) elemento multiplicador para a formação de novas palavras no processo mesmo de alfabetização.

A alfabetização assim funciona, ora como processo catártico que fornece meios de evasão para as perplexidades até então intraduzíveis, ora como instrumento de formação de consciência crítica, ora como instrumento novo de ação para solução real ou simbólica de aspirações até então mal formuladas.

Do ponto de vista técnico colocou-se a alfabetização, como um processo de decodificação de uma mensagem codificada, aproveitando os princípios da teoria da comunicação. Enquanto a leitura foi vista sempre como processo de decodificação da mensagem que nela fica contida, simples recuo estratégico colocou a própria técnica de leitura como mensagem que deve ser apreendida em sua configuração formal e significativa. Em vez de chegar-se ao significado pela leitura dos sinais escritos (tendo este significado sido fornecido na fase anterior do processo) o que tem de ser decodificado é o processo mesmo de transmissão em si. É insensível a mudança do objetivo que vai do processo da leitura em si, para a obtenção de novos significados mediante a utilização da chave aprendida.

Por aí se vê que a atitude que se deseja do alfabetizando é inteiramente nova do ponto de vista da didática da alfabetização: em vez de matriz passiva em que se imprimem, por mero condicionamento, certos tipos de respostas automatizadas (tudo o que se tem feito em alfabetização até hoje, por mais que se variem os processos, não passa de mero esforço de condicionamento), solicita-se dele a atitude ativa de análise (decodificação) e de construção (codificação) de novas palavras, o que está rigorosamente de acordo com o tipo de atividade psicológica do adulto que tende para a operacionalidade, ao contrário da das crianças que é dominada ainda pelo ritmo da repetição, que leva ao automatismo.

É surpreendente que a partir da sociologia se chegasse a um processo didático que tem ampla justificação em psicologia. Sob o aspecto da apresentação das palavras-chave retiradas do grande contexto vital do grupo e apresentadas dentro de uma configuração existencial, como sinal de substituição de uma realidade social e psicológica, o processo não é senão boa e correta aplicação da teoria da forma (gestalt), justamente de sua parte mais válida que é a psicologia da percepção. Sob o aspecto da atitude de análise, estudo da situação e do vocábulo, decomposição da estrutura vocabular e construção de novos termos a partir das sílabas da palavra-chave, temos a boa aplicação da psicogenética que explica a aprendizagem como atitude de pesquisa e de solução diante de uma situação-problema, de uma dificuldade cuja transposição exige reformulação dos esquemas de ação do indivíduo. Neste sentido, cremos que é a primeira vez que se propõe um método de Alfabetização de Adultos, pois os já existentes não são senão a aplicação das técnicas já utilizadas para a alfabetização de crianças. Só quem lidou com adultos analfabetos, em classe, pode avaliar o constrangimento de um cidadão analfabeto (mas, que em seu meio possui status, bem definido e respeitado pela comunidade) diante de frases como Vovô viu o ovo do urubu, propostas em certas cartilhas de alfabetização de adultos...

O papel do professor neste processo é inteiramente novo: não tem como função transmitir algo, como é tradicional. Funciona como agente estimulador e catalítico, função, alias, que se impõe hoje, didaticamente, para a atividade magisterial em todos os níveis. A técnica do círculo de cultura (nome dado à classe) é retirada dos processos de dinâmica do grupo, muito semelhante à que os norte-americanos institucionalizaram para as atividades grupais chamadas de liderança de conferência. O coordenador (nome dado ao professor) não ensina: cria uma situação de aprendizagem em que o próprio esforço moti-

vado do aluno provoca a aprendizagem. Ora, uma função como esta não exige alta especialização em técnicas de alfabetização, mas apenas um pouco de liderança para fazer um grupo atuar em direção ao objetivo, podendo, perfeitamente, acontecer (como se verificou) que do próprio grupo surja a liderança, aparecendo o coordenador como mero fornecedor de elementos novos para a continuidade da atividade grupal. O coordenador começa, então, a funcionar como simples operador, ganhando o grupo ampla autonomia, como é altamente desejável em didática. Os métodos tradicionais exigem alta especialização de professores de alfabetização (talvez, seja o professor de quem se exige maior soma de habilidade, tanto que se atribui, em grande parte, a falta de habilitação técnica do professorado, a culpa pela percentagem de mais de 50% de alunos que não conseguem aprovação no primeiro ano de escolaridade...). Aliás, os teóricos em didática, de há muito, buscam um método que tenha rentabilidade independente da habilidade do professor, vez que jamais se conseguira um corpo docente de homogeneidade gabaritada em alto nível...

Quando se começou a usar, para maior operacionalidade, diafilmes e projetores, aparentemente requinte técnico dispensável, percebeu-se que algo se modificava, fundamentalmente, no trabalho didático: a penumbra em que ficava mergulhada a sala para o efeito de projeção dos cartazes e palavras geradoras, provocava situação psicológica favorável à desinibição dos participantes, como se a semi-escurecimento eliminasse os bloqueios naturais existentes, nos primeiros momentos, nos grupos face a face, artificialmente constituídos. Contudo se os grupos são formados com certa homogeneidade provinda da identidade de moradia, profissão ou interesse, esta inibição é irrelevante.

Desde o primeiro momento surgiu o problema da conservação da habilidade adquirida na aprendizagem da leitura, problema aliás que é universal, seja no nível da alfabetização (nos países subdesenvolvidos), seja no nível da educação continuada (nos países desenvolvidos). Nas cidades, as oportunidades de leitura assistemática são tão difusas (cartazes, cinema, televisão, nomenclatura das ruas e veículos, etc.) que o problema de conservação da habilidade em si não apresenta dificuldade. Já na zona rural, porém, é preciso pensar-se em fornecer um elemento de leitura continuada, algo como um almanaque que forneça material permanente de consulta, útil nas várias situações da vida do homem do campo.

A rapidez incontestável do processo baseia-se na própria técnica: em vez da aprendizagem enervante de milhares de palavras, fornece-se ao alfabetizando uma chave de leitura que começa a funcionar em todos os casos semelhantes, podendo-se dizer que, compreendido o processo e aplicado nas primeiras situações, está o analfabeto, tecnicamente, alfabetizado, consistindo a atividade, daí por diante, na ampliação do número de chaves para enfrentar as situações mais diversas, problema, aliás, que é comum a todo processo cultural dos mais baixos aos mais altos níveis: estamos sempre aprendendo novas chaves para prosseguir nossa formação cultural.

A semelhança do processo com o que propusemos para o ensino secundário em nossa "Escola Secundária Moderna" (Fundo de Cultura) chamou-nos a atenção para esta técnica, motivo pelo qual procuramos acompanhar de perto todos os lances e peripecias da implantação do sistema. Acreditamos mesmo que, quando amortecerem os efeitos da crítica emocional de que foi objeto, este processo se generalize através dos organismos internacionais, senão pelas razões técnico-pedagógicas que garantem sua eficiência, pelo menos, por ser uma autêntica atividade para adultos.

## I.- CARACTERÍSTICAS BÁSICAS :

- 1.- Não necessita de cartilha: o trabalho de alfabetização pode ser feito no quadro negro, numa parede com carvão, com fichas pre-fabricadas, com projetores (a melhor forma, evidentemente), etc., conforme os recursos locais. É, portanto, método que pode ser popularizado independentemente de grandes recursos financeiros, dependendo apenas da boa vontade da pessoa que deseja contribuir para eliminar o analfabetismo do Brasil. Jornais e revistas de grande circulação poderiam incluir em suas edições o material básico para uma campanha nacional de alfabetização.
- 2.- É um método cujo material é de origem local. Usa, para alfabetizar, o vocabulário mais empregado pelo povo da localidade (Palavras Geradoras). Na escolha das palavras deve-se ter dois cuidados básicos com os vocábulos selecionados:
  - a) serem palavras de alto conteúdo sociológico e referentes aos aspectos da vida que mais emocionem o grupo de analfabetos. Assim, sentirão eles sua própria vida discutida na hora da alfabetização. Se não forem palavras ricas de vivências, não darão azo à discussão que é fundamental para gerar interesse e ligar a alfabetização aos problemas do indivíduo e da comunidade. Motivar os analfabetos foi sempre o grave obstáculo das campanhas de alfabetização;
  - b) serem palavras que, em sua sequência, cubram todos os fonemas da Língua Portuguesa, de modo que, através delas, sejam estudadas todas as dificuldades da leitura. O somatório das sílabas em que se descompõem as palavras deve equivaler ao total de situações fonéticas da língua. Selecionam-se palavras através de uma pesquisa do Universo Vocabular da comunidade, mediante entrevistas prévias com os grupos que serão alfabetizados. Uma equipe técnica, depois, seleciona as palavras que cubram a variedade de fonemas da língua, explorando assim as dificuldades da leitura, dando preferência às que demonstraram maior expoente sociológico.
- 3.- As palavras Geradoras (ou alfabetizadoras, digamos assim) devem ser apresentadas num contexto sociológico (uma cena local que possa ser resumida pela palavra). Este contexto figurativo da sustentação psicológica à palavra na mente do analfabeto, permitindo que elabore outras palavras e funcione como chave.

A palavra labuta, p.ex., -apresentada numa cena constituída por pessoas pobres que trabalham- além de corresponder, psicologicamente, a uma vivência corriqueira- serve de chave para a leitura de cerca de 250 outras palavras formadas de sílabas cujos fonemas sejam variações dos que a constituem, fato verificado inúmeras vezes nos círculos de cultura: "tabula, lata, bula, taça, tabu, bota, luta, tuba, bole, taba, etc.- tudo de acordo com a técnica da "ficha da descoberta" que se exporá logo em seguida).
- 4.- As palavras são apresentadas através de uma figura: com apoio na figura deve ser feita a discussão com o grupo (de cerca de 20 pessoas) que está sendo alfabetizado. O papel do coordenador (alfabetizador) é fazer o grupo explorar a figura em todas as dimensões possíveis. Quanto mais vivo o debate, quanto mais idéias aparecerem, mais rico é o processo de tomada de consciência e de fixação da Palavra-chave. O coordenador apenas estimula a discussão do grupo. Não tem importância (é até bom) que a discussão seja prolongada e viva. O coordenador deve ser um Agente Promotor da Discussão e um atento Observador. Não deve deixar que nenhum dos membros do grupo fique em expressar-se. Não deve deixar que nenhum dos membros do grupo fique em expressar-se. Não deve deixar que nenhum dos membros do grupo fique em expressar-se. Deve interpelar a todos. Deve estimular que falem. Deve fazer perguntas esclarecedoras. Não deve dar suas próprias opiniões. Deve tentar prolongar o debate, sempre apontando para a figura e mostrando os aspectos que não foram percebidos. Quando a discussão tiver esgotado o te-



ma, chamará a atenção para a palavra que está contida, com certa descrição, na parte superior da figura. Explicará, então, que uma cena - viva pode ser pintada. Uma cena pintada pode ser falada (discussão) - ou escrita (leitura). Explicará, então, que uma cena como a apresentada pode ser: a) vivida (donde a necessidade de ser real e familiar ao grupo); b) pintada (como aparece no cartaz que tanto interesse despertou); c) falada (como aconteceu durante a discussão do grupo); e finalmente, d) escrita (o que constitui a leitura), levará o grupo a compreender que a alfabetização tem algo a ver com a própria vida diária. Começará, então, a colocar a leitura no contexto das vivências do analfabeto perguntando porque quer alfabetizar-se e o que fará com o domínio da técnica da leitura, etc., etc. Naturalmente, a riqueza pedagógica deste momento dependerá da habilidade do coordenador em explorar a situação para que todos se pronunciem. Para que todos digam suas finalidades. Para que todos participem do grupo. O coordenador deve lembrar que os analfabetos devem estar inibidos, bloqueados. Deve ser criada situação simpática para que todos estejam à vontade. Perceber o valor e função da leitura é fundamental para garantir a frequência e o entusiasmo do grupo.

5.- A alfabetização, pois, realiza-se em situação de grupo. Quem alfabetiza não é coordenador: o próprio grupo se alfabetiza pela discussão. Isto é fundamental. Daí o coordenador dever ser pessoa inteligente que estimule e não iniba o grupo. Se fôr feita a discussão, na penumbra, melhor, porque as pessoas do grupo perdem mais facilmente a inibição (compare-se a situação com o gabinete da psicanalista).

6.- Apreendida a palavra, passa-se aos fonemas (sílabas). As sílabas são apresentadas como chave de uma enigma (charada, problema) que deve ser decifrado pelo grupo. O grupo deve ser estimulado pelo coordenador a descobrir novas palavras, a fazer palavras, a encontrar semelhanças e diferenças. Não se diz que tal letra é de tal forma: pede-se que o grupo descubra a diferença entre um J e um T, entre um A e um E, etc. É sempre o grupo que deve descobrir a forma das letras, -- das sílabas, com as comparações a que estão acostumados: aceitar a linguagem do analfabeto.

7.- Os fonemas apresentados numa aula são copiados numa ficha e dadas a cada participante para levar para casa onde tentarão formar novas palavras. Veja-se, portanto, que não se apresenta ao analfabeto - algo para ler, mas, material silábico para ele fazer palavras: é atitude inteiramente nova em alfabetização. Em vez de um homem passivo - diante do texto, temos um homem ativo construindo palavras com as chaves (sílabas) que ele descobriu na palavra geradora. Isto é fundamental no processo.

8.- A escrita é concomitante. (Geralmente, feita com o dever de casa). Logo que se apresenta uma palavra, no próprio ato de visualizá-la começa-se, inconscientemente, a ensinar a escrita. Quando o analfabeto descobre que (por exemplo) o J é "um poste com uma voltinha embaixo" (lá em sua forma pintoresca de comparar), já aprendeu, psicologicamente, a escrever. Falta apenas treinar a reprodução gráfica, o que poderá ser feito em classe ou em casa. Para ensinar a escrita, pois, o coordenador terá que fazer o grupo estudar cada letra. A melhor maneira de estudá-la é perguntar: "Com que se Parece um G"? ou então: "Qual a diferença entre E e F??". Cada detalhe da letra deve ser estudado para facilitar a escrita. Todo homem analfabeto sabe riscar na areia, por ex., uma marca de gado: (ferro- como eles dizem) porque não saberia reproduzir uma letra que foi estudada em grupo? (Usar, sistematicamente a comparação).

9.- É inteiramente diferente, pois, o comportamento do professor no método: nada é feito por ele, tudo é feito pelo aluno. Seu papel é fazer ver aquilo que o analfabeto não viu. Aliás, esta técnica é hoje adotada nas escolas de qualquer grau... Não se põe o analfabeto diante de um texto que deve ser decorado, mas diante de um problema (ou de uma codificação) que deve ser resolvido pelo grupo (decodificado).

Esta forma de agir dá dignidade ao grupo, fá-lo sentir-se importante, participante, construtor, desafiado diante de uma situação que exige resposta inteligente. O período de visualização e de decodificação deve ser tão longo quanto necessário para fazer comentado pelo grupo todos os detalhes da situação.

10.- O professor (O coordenador) deve alternar as perguntas, ora visualizando o detalhe, ora chamando a atenção para o conjunto (O processo assemelha-se ao comportamento do "camara-mann" ao filmar uma sequência). A percepção é uma gestalt, uma estrutura, uma totalidade: só se fixa se for transformada em situação total (ponto importante que - os métodos catequético, heurístico, etc. não levavam em conta). É a estrutura que sustenta a permanência da aprendizagem das pessoas. É por isto que o método é tão eficiente: não se ensinam milhares de detalhes, mas alguns conjuntos (palavras geradoras) que servem de chave a toda leitura. Eis porque com tão poucas palavras se pode alfabetizar. Pelos demais métodos, é quase necessário aprender a ler cada palavra de por si.

## II.- PERÍODO INICIAL DE MOTIVAÇÃO E TOMADA DE CONSCIÊNCIA :

1.- O método não lança o analfabeto, de chofre, no processo alfabetizador. Inicia-se por longo período de motivação e de tomada de consciência. A maioria das pessoas analfabetas não está muito interessada em alfabetizar-se. É preciso que o homem compreenda que seu analfabetismo é uma diminuição de sua dignidade de homem. Que esta fechada para ele uma porta fundamental por onde entra a Cultura. É preciso que ele venha a ter pejo de ser analfabeto.

2.- "Todos os homens foram feitos iguais", diz a doutrina cristã, dizem as constituições. Mas na prática o que existem são pessoas, psicologicamente, dominadas e pessoas dominadoras. É preciso, pois, transmitir, inicialmente, ao homem analfabeto a convicção de que todos nós somos iguais e que não deve haver homens privilegiados em face de seus irmãos. A leitura assim é a porta que abre caminho para um mundo que estava vetado ao analfabeto. Então é ocasião de se falar sobre o conceito de democracia, como sistema de governo em que todos se liberam através de seus representantes.

3.- Em geral, os analfabetos são profundamente pessimistas e fatalistas ("A sorte Deus é quem dá". "Eu não tenho estrela". "Quem quer ser grande nasce viçoso", etc., etc.) - dizem eles. Este fatalismo faz deles sub-homens. É preciso, pois, mostrar a cada homem que ele tem a dignidade de rei da Criação. Seus molambos encobrem o mais perfeito ser do Universo - o HOMEM. Estes slogans ou provérbios são uma forma verbalizada de autodefesa diante das probabilidades de fracasso em qualquer esforço. O nosso jeca tatu já dizia: "Plantando, dá...", como se dissesse que não valia a pena plantar. É preciso, pois, fazer o grupo escapar a esse morbido fatalismo que bloqueia qualquer atitude de esforço.

4.- Não têm os analfabetos idéia de que são Criadores. Que criar é típico do homem. Que não importa o tipo de criação. Todas dignificam o homem. A panela de barro feita pela velhinha encarquilhada é obra de criação equivalente ao poema ou à sinfonia do artista. Que criar fá-lo imagem e semelhante de Deus: isto deve ser transmitido ao analfabeto, através da discussão do grupo.

5.- O analfabeto não sabe que a roupa de couro que fabrica é Cultura. Não sabe que a casa que constrói é Cultura. Pensa que há homens - que tem o poder mágico e que são os donos do mundo. Não tem sequer coragem de criticar. O mundo para eles é uma magia incompreensível. Não são, pois, de fato, HOMENS. São objetos manipulados por outros homens. É preciso, pois, primeiro fazê-los descobrir sua dignidade e mostrar que eles podem ser donos de seu destino, fazê-los compreender que o homem não é um juguete na mão da natureza, mas que pode controlá-la e pôr suas forças a serviço dos objetivos da humanidade. Se isto não é

possível, se os acontecimentos independem de sua vontade, qual quer es-  
fôrço é inútil... Neste caso, para que aprender a ler?

6.- Deve crer que Democracia é o regime do Homem Comum. Que todos po-  
dem dirigir sua vida e a de seu grupo. Que o Bom Senso Natural po-  
de conduzir o homem em seu caminho: para isto éle mesmo (analfabeto),  
recebeu inteligência de Deus. Que para participar da vida nacional -  
tem que adquirir instrumental de participação como a leitura.

7.- E' preciso convencer o analfabeto de que éle é o ser mais perfei-  
to da criação. Que éle pode dominar a natureza e pô-la a seu ser-  
viço. Que tudo que o homem constroi é uma forma de domínio de nature-  
za. Que a medida que o homem se torna mais poderoso pela acumulação -  
da cultura (fazer casas, pontes, poemas, sinfonias, etc.), a natureza  
se torna sua SERVA. Que é preciso enfrentar a natureza como REI DA  
CRIAÇÃO. Que o instrumento fundamental para este domínio é a leitura.

8.- O analfabeto não sabe que já é culto: e éle sabe tantas coisas -  
que os homens cultos não sabem!... Perguntem ao pedreiro do grupo  
como se faz uma casa: éle dará verdadeira lição ao grupo. Cada membro  
deve saber fazer alguma coisa: basta o coordenador explorar este as-  
pecto da Cultura do Grupo. Convencido disto, dar-se-á um fenômeno de  
euforia, de autoconfiança e estará éle motivado para a aprendizagem -  
da leitura, esta porta para outra forma de Cultura...

9.- Produz-se, assim, um desequilíbrio psicológico na tranquila seg-  
urança do analfabeto: éle já não é conformista. ELE SABE AGORA QUE  
SABE. Ele sabe agora que já vem dominando a natureza. Ele sabe agora,  
QUE É UM HOMEM COMO OS OUTROS. Ele sabe agora que estava PASSIVO e  
que pode ficar ATIVO. Ele sabe agora que é dono do mundo. - E' UM HO-  
MEM.

10.- Está, então, preparado para o esforço tremendo de alfabetização.  
Está motivado. Está alegre porque entrará, pela leitura, num Mun-  
do Novo. Não teria sentido alfabetizar apenas "para ferrar o nome" co-  
mo eles dizem: é uma nova vida que se inicia com a alfabetização. O  
coordenador que não conseguir este estado de espírito de seu círculo-  
de-cultura, é melhor parar: nada estará fazendo, realmente, pelos se-  
us irmãos... e, provavelmente, não conseguirá alfabetiza-los.

Apresentando cada quadro, deve o coordenador do círculo de cultu-  
ra levar o grupo a visualizá-lo antes de proceder a discussão. Visua-  
lizar é perceber o significado do conjunto e a funcionalidade de cada  
uma de suas partes. E' ajudar a "ver", mas ver para além das aparên-  
cias. E' o que se chama, em psicologia, leitura da experiência. A per-  
feita visualização decorre de uma "atividade perceptiva" em que todos-  
os aspectos figurativos são analisados e criticados, com a dupla fine-  
za de fixação da cena apresentada e de preparação do grupo para a  
fase seguinte. Terminada esta, inicia-se a discussão, funcionando o  
coordenador como estimulador.

### III.- QUADROS INICIAIS DE CONSCIENTIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO :

(Estes quadros podem ser recortados de revistas, desenhados, projeta-  
tados de acordo com os recursos locais).

1.- O HOMEM DIANTE DA NATUREZA E DA CULTURA. (Casal, de costas para o  
espectador, contemplando uma paisagem que contém casas, obras hu-  
manas, passaros, animais, arvores, etc.)- Que é obra do homem? Que é  
obra da natureza? Como modifica o homem a natureza? Como faz cultura?  
Por que faz o homem cultura? Por que modifica a natureza? Como se  
guarda a cultura? Como se transmite a cultura? Como a natureza se re-  
produz? Qual a diferença? - Feitas estas perguntas, deixar o grupo -  
discutí-las amplamente.

2.- UM ÍNDIO ATIRANDO UMA FLECHA NUM PÁSSARO QUE VOA. - Que é um ín-  
dio? Que instrumentos usa? Que é um passaros? Qual a relação entre  
o passaros e o índio? Por que atira no passaros? Com que atira? De onde



tirou o arco? Como fêz o arco? O arco é cultura? Como se veste o índio? Etc., etc., etc... Estimular a discussão, resumi-la.

3.- UM CAÇADOR MATUTO (TABARÉU) CAÇANDO DE ESPINGARDA. Qual é a diferença entre este quadro e o anterior? A diferença entre o selva-gem e o civilizado? Por que são diferentes? Como se vestem? Qual o mais poderoso diante da natureza? Por que? Etc., Etc., etc... Interpretar as observações.

4.- UM GATO CAÇANDO UM RATO. Qual a diferença entre um índio, um tabaréu e um gato que caçam? Pode-se dizer que aí há três graus de Civilização? Qual o mais hábil? Quais as diferenças entre os três? Por que são diferentes? Quem é mais humano? Porque o homem deixou de caçar? Que substitui hoje a caça? Como se chama esta transformação? Como é melhor? Como o índio? Como o gato? Ou como o caçador? Ou como hoje? Por que? Provocar a emulação entre os membros do grupo.

5.- UMA MULHER DEBAIXO DE UMA TENDA DE PALHA FAZENDO LOUÇA DE BARRO. Qual a diferença entre esta mulher e os caçadores dos quadros anteriores? Das pessoas presentes quais são como a mulher? Quais são como o caçador? Como será a vida de cada um destes personagens? Como será que eles vivem? Que existe por trás destas atitudes? Esta mulher está fazendo cultura? Quem mais faz cultura? No grupo, todos fazem cultura? Quem é mais adiantado: a mulher, o caçador ou o índio? Por que? Esta mulher sabe ler? Precisa saber ler? E se soubesse ler? Ela é feliz? O índio é feliz? Comentar a melhor observação.

6.- UM PRATO, UMA MORINGA, UMA PANELA, TUDO DE BARRO, PRODUTO DO TRABALHO DA MULHER. Isto é natureza ou cultura? Quem fez estes objetos? Quando morrer esta mulher, ficarão as obras que fez? Por que ela faz louça de barro? Quando ela termina seu trabalho, que acontece com os objetos que ela fez? Na panela, no prato, na moringa, está a mulher? Ou estas coisas agora não são mais dela? E se ela vender estes objetos ou doá-los? Ela vende os objetos que faz no seu trabalho? Esta mulher podia fazer uma cidade? Um automóvel? E os operários que fazem geladeiras, mesas, casas, são como esta mulher? De quem são as coisas que o homem faz? Quem fez todas as coisas que existem no mundo? Por que o homem faz coisas? Por que não ficou como o índio em sua maloca? Por que todos os dias aparecem novas coisas feitas pelo homem? Por que uns homens têm coisas e outros não? Por que as coisas que o homem faz podem ser vendidas? Vender é perder a autoria dos objetos? E os homens que fazem coisas para outros homens? Cada membro do grupo diga o que sabe fazer. Desbloquear os inibidos.

7.- DOIS CANTADORES TOCANDO VIOLA E UM RÁDIO AO LADO. O homem faz apenas coisas? Um compositor de samba faz coisas? É uma coisa um samba? Um cantador é também um produtor? Por que uns homens fazem cantorias, versos, livros, discursos e outros fazem casas, estradas, objetos? As coisas que o cantador e o escritor fazem podem ser conservadas como uma casa? Quando você ouve um cantador, um sambista, um discursador, o que ele diz passa a ser seu ou deles? Como pode um samba, feito por um sambista vir a ser de todos? Um rádio é uma coisa? Como fala e canta? Qual a diferença entre um rádio e um livro? Para que servem os livros? Como podem os homens guardar tudo que inventam? Quem lhe ensinou sua profissão? Você ensina sua profissão a outro? A quantas pessoas? Que é ser professor? Você é um professor quando ensina ao outro sua profissão? Um livro pode ensinar uma profissão? Um livro que pode ensinar? O rádio ensina? Quem fala no rádio? O jornal ensina? Quem escreve no jornal? O rádio diz sempre a verdade? Alternar perguntas individuais com perguntas gerais dirigidas a todo o grupo.

8.- UM VAQUEIRO DO NORDESTE. Por que este homem se veste de couro? Por que vocês não se vestem de couro? Por que você está olhando a figura sabendo que é um vaqueiro? Pode-se saber de onde são as pessoas olhando como se vestem? Por que variam as roupas das pessoas, as casas, os alimentos que comem? Os operários das fábricas usam roupas típicas como os vaqueiros? Fazer resumo das opiniões expedidas.

9.- UM GAÚCHO DE BOMBACHAS. Por que este homem se veste diferente do vaqueiro? E' ele também um vaqueiro? Por que cada pessoa deste círculo se veste diferente? Como se chama a maneira que cada pessoa tem de se vestir, de fazer suas casas, de comer, de adorar a Deus? Todos deviam vestir-se iguais? Contrapor as opiniões discordantes.

10.- UM CÍRCULO DE CULTURA. (uma porção de pessoas, o coordenador, um quadro negro ou uma figura, todos discutindo).- Que fazem estas pessoas? Que querem elas? Por que estão assim? Que discutem? Por que discutem os homens? Todos os homens têm as mesmas opiniões sobre as coisas? Devem os homens discutir? A discussão divide os homens? Os homens devem ser unidos? Eles querem aprender a ler? Você quer aprender a ler? Para quê? Resumo geral. Preparar o grupo para a primeira aula de alfabetização, Pedir que cada membro do grupo cuide de um companheiro, quanto à frequência e o aproveitamento. Fazer subgrupos.

#### EXPLICAÇÃO FINAL:

Estes quadros foram planejados para levar o indivíduo ao desejo e à necessidade de aprender a ler. Através deles, o coordenador deve fazer o grupo discutir toda a realidade. Se a discussão se encaminhar para temas fora do quadro não tem importância: é até sinal de vitalidade do grupo. Quanto mais tempo e mais ricamente o quadro for discutido, melhor será o coordenador. Quando terminar este trabalho, o grupo estará homogêneo, já se entende, já fez uma espécie de catarse de seus problemas, está ansioso para ver se pode mudar. E' hora, portanto, de aprender a ler. Não uma leitura para VOTAR, para ASSINAR O NOME - mas, para ser mais cidadão, mais homem, mais participante, mais culto...

#### IV.- A TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO PRÓPRIAMENTE DITA :

O grupo de palavras geradoras retiradas do universo vocabular devem atender a dois princípios:

- a) corresponder às vivências do grupo para permitir ampla discussão - nos círculos de cultura (aula), e
- b) resolver todos os problemas fonêmicos de língua portuguesa, isto é conter todas as situações de leitura.

OBS.: O método é silábico. Serve a palavra geradora apenas de contexto gestaltico de onde se retiram as sílabas. A palavra é assim como uma chave que permite pelo desdobramento das sílabas e das vogais decifrar o texto.- Aliás, esta ideia de decifrar deve ser a tônica de todo trabalho: o coordenador deve estar sempre propondo um problema para ser resolvido em grupo (método psicogenético - ver Escolas Secundária Moderna, L.O.Lima, Fundo de Cultura).

Exemplo de palavras geradoras usadas, em diversas ocasiões, pela equipe de Paulo Freire:

- a) Cajueiro Seco (Recife): Tijolo - voto - siri - biscoito - cinza - doença - chafariz - máquina - emprego - engenho - mangue - terra - enxada - classe.
- b) Tiriri (colônia agrícola da Sudene): Tijolo - voto - roçado - abacaxi - cacimba - passa - feira - milho - maniva - planta - lombriça - engenho - guia - barra - cão - charque - cozinha - sal.
- c) Brasília: Tijolo - voto - farinha - máquina - chão - barraco - açougue - negócio - Sobradinho (cidade satélite) - passagem - pobreza - planalto - cixo - Brasília.

PS.: Assim, como se vê, cerca de 14-15-16 palavras geradoras podem conter quase todos os fonemas da língua portuguesa com todas as dificuldades fonêmicas imagináveis. E' isto que dispensa a cartilha. O caso, a cartilha é construída pelo próprio grupo à medida que vai, rimeiro, fazendo palavras, depois, frases.

Cada palavra é apresentada num Contexto: uma cena viva- é apresentada num cartaz ou num filme contendo, discretamente, no alto, a palavra geradora.

### PASSOS FORMAIS DO PROCESSO (Como foi feito em Brasília)

1º QUADRO : Cena de construção. Operários trabalhando. No primeiro plano, uma mão que levanta um enorme tijolo, projetado pela proximidade com que se apresenta ao observador. No alto, discretamente, a palavra TIJOLO. O coordenador faz o grupo discutir a cena : Que é isto? Que estão fazendo? Quem constrói? De quem é a construção? Quem são os operários? Quanto ganham? (Em Brasília, como tudo ainda - gira em torno de construção, da discussão desta cena nascem todos os problemas do cadango...)

2º QUADRO : A palavra Tijolo, em negrito, no fundo colorido, vermelho como a paisagem de Brasília revolvida pelos tratores. O coordenador faz os alunos compararem esta palavra assim representada, isoladamente, com a que estava no alto do cartaz anterior. Quase todos identificam a palavra e dizem: "Tijolo". (Insistir muito nas comparações).

3º QUADRO : A palavra TI-JO-LO apresentada agora em seus elementos - fonéticos, em forma de sílabas. O coordenador faz exercícios de separação de sílabas através desta e de outras palavras até perceberem que é o movimento de articulação da boca que determina a sílaba. Manda cada um separar, oralmente, sílabas.

4º QUADRO : Ta-Te-Ti-To-Tu isto é, o desdobramento da primeira sílaba de Tijolo através da mudança da vogal. O exercício consiste em fazer notada a vogal. Logo, na discussão, percebem os alunos que a primeira parte (T) é igual e a segunda é diferente (a,e,i,o,u) em todas as sílabas ("pedacinho", como eles dizem) há uma parte igual (isto é, o T) e uma parte diferente (isto é, a,e,i,o,u). Estuda-se, então a diferença entre as cinco vogais. Sempre comparando umas com as outras ou com formas conhecidas pelos participantes.

5º QUADRO : Ja-Je-Ji-Jo-Ju - repete-se o exercício anterior.

6º QUADRO : La-Le-Li-Lo-Lu - repete-se o exercício anterior. Nesta altura, vai-se perdendo, evidentemente, o contacto com a palavra geradora. O Coordenador terá o cuidado de voltar sempre a ela, em rápidas recapitulações. A palavra tijolo é sempre a chave por onde se começa. Sempre voltar no fim do período à palavra "Tijolo" num movimento de recapitulação em sentido inverso.

7º QUADRO :

|                |                        |
|----------------|------------------------|
| Ja-Je-Ji-Jo-Ju | FICHA DA<br>DESCOBERTA |
| Ta-Te-Ti-To-Tu |                        |
| La-Le-Li-Lo-Lu |                        |

Todas as sílabas geradas com a aplicação das vogais são apresentadas de uma vez. É a chamada "Ficha de Descoberta": Daqui - parte todo o processo de alfabetização. Esta ficha representa uma Chave de Decifração, como veremos. Começa-se por identificar as sílabas estudadas nas fichas anteriores. Leitura horizontal. Vertical. Diagonal. De cima para baixo. De baixo para cima, etc. Ler em todas as direções possíveis. Todo o êxito do método vai depender do bom uso desta ficha. Se não produzir resultados, melhor mesmo é reiniciar tudo de novo, refazendo todas as fases, de modo que o aluno seja capaz de fazer palavras com as sílabas que estão contidas na ficha. Vimos em Brasília, na primeira apresentação desta figura, um cadango aproximar-se do quadro e ler, apontando as sílabas correspondentes: "Tu Já Lê!": Vimos também serem feitas, na ocasião, palavras como Tigela (Tigela) - Tutu - Lele - Juta - Jati - etc. Bem considerado, quando o analfabeto consegue formar inúmeras palavras com esta ficha já está, tecnicamente, alfabetizado! O restante do esforço é somente o de fornecer ou

tras fichas de Descoberta (repetindo, rigorosamente, o mesmo processo.

8º QUADRO : A - E - I - O - U : é o estudo das vogais, para fazer compreender como são elas que tornam tão rica a Chave. Voltar ao primeiro cartaz. Recapitular tudo.

9º QUADRO : Uma figura que mostra um homem à boca da urna, depositando seu voto. Discretamente, em cima e de lado, a palavra, Voto...

Repete-se, com a palavra Voto, tudo que se disse a respeito da palavra Tijolo e assim, sucessivamente, com todas as palavras que foram escolhidas para alfabetizar o grupo. Voltar sempre aos cartazes anteriores para que a fixação das aprendizagens feitas vá-se tornando definitiva. Adotar como praxe em cada aula reiniciar, em rápida recapitulação, da primeira palavra geradora.

#### OBSERVAÇÃO FINAL:

Toda a atividade oral é alternada com o processo de escrita; mas, a escrita é feita, predominantemente, em casa, como exercício de fixação, mas sempre em situação de "desafio": formar novas palavras. O coordenador depois de apresentar a ficha de descoberta, entrega a cada aluno um pedaço de cartolina que reproduz a ficha para ser usada em casa, como material gerador de novas palavras. É a cartolina que ele usa. Não pode voltar ao Círculo de Cultura, no dia seguinte sem ter feito novas palavras. Por ocasião da correção dos exercícios de casa há amplas oportunidade de recapitular todo o estudo do dia anterior. Fazer os próprios participantes corrigirem-se mutuamente.

### REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS PRINCIPAIS TÉCNICAS UTILIZADAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

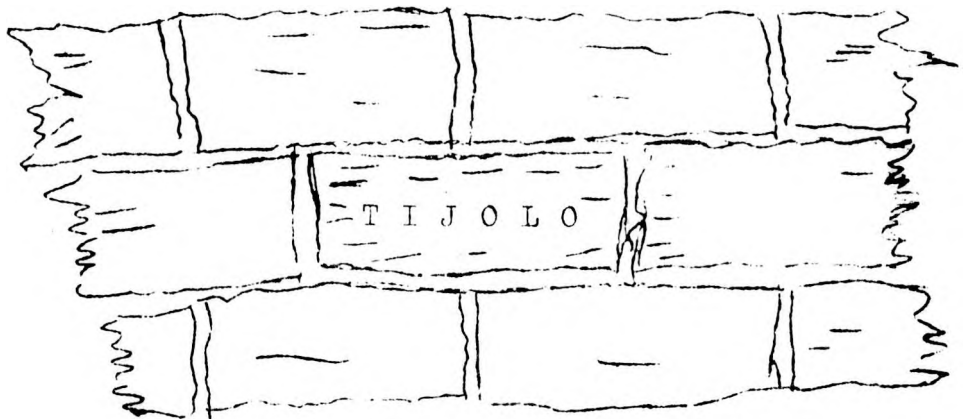
#### I. PARTE : MOTIVAÇÃO



Exemplo de figuração de um dos 10 quadros usados como introdução à fase de alfabetização propriamente dita. (v. pág. 6 e 7).

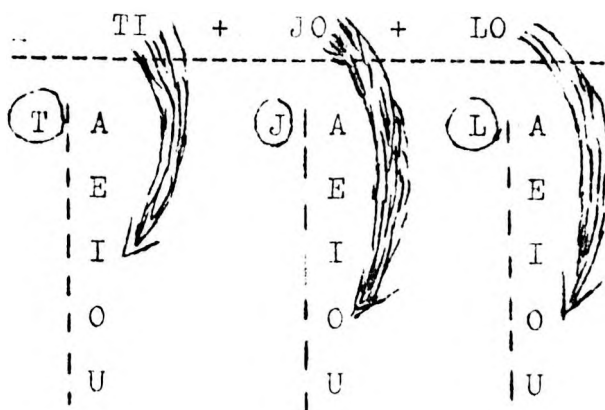
## II. PARTE : ALFABETIZAÇÃO

### 1. Palavra Geradora:



Obs. : Detalhe do contexto em que é apresentada a palavra geradora.

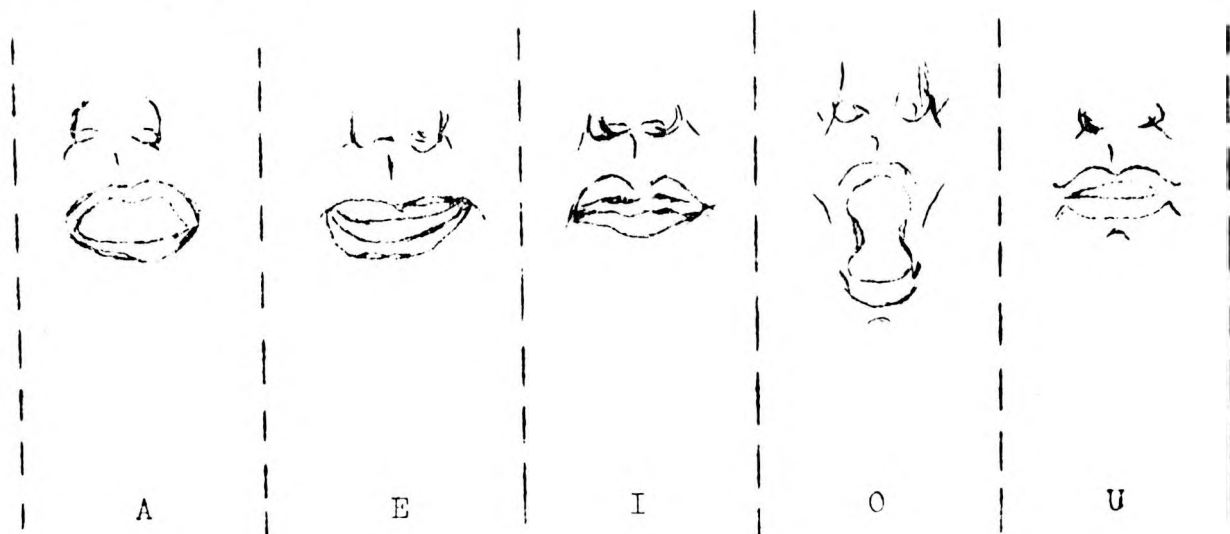
### 2. Desdobramento da Palavra Geradora:



Obs.: Forma como se mostra o valor fonético das vogais, de maneira -  
que o alfabetizando compreenda o poder multiplicador que elas-  
possuem diante do relativamente diminuto número de consoantes .

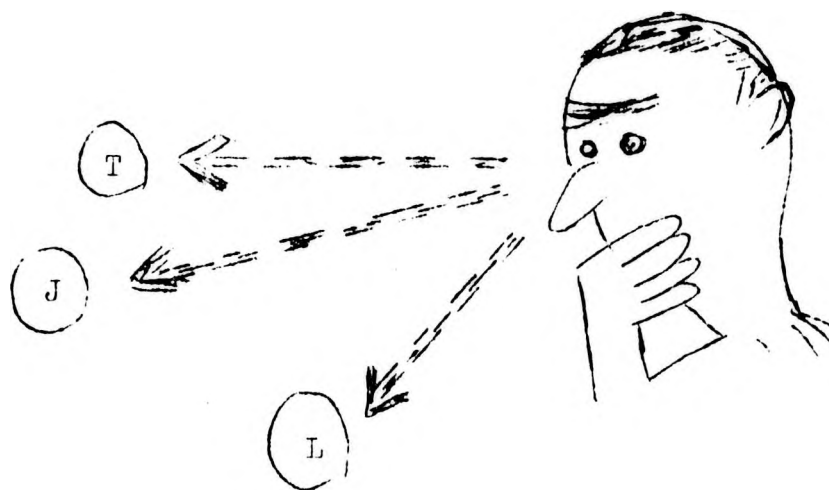


### 3. Estudo das Vogais:



Obs.: Estudo oral dos valores das vogais como elemento fonético.

### 4. Estudo das Consoantes:



Obs.: Estudo comparativo (semelhanças e diferenças) das consoantes que aparecem na palavra geradora.

